

Memorialismo nas obras de Zélia Gattai

Kassiana Braga, Mestranda (Unesp- Assis)

Este trabalho visa a entender o memorialismo em cinco obras da escritora Zélia Gattai “Anarquistas graças a Deus” (1979), “Um chapéu para a Viagem” (1982), “A Senhora Dona do Baile” (1984), “Jardim de Inverno” (1988) e “Cittá de Roma” (2000).

O intuito é perceber o caráter memorialístico em suas obras e o seu engajamento político ao narrar as experiências de seus antepassados, as suas próprias, de seu esposo Jorge Amado, e as de amigos próximos a fim de contribuir para a discussão sobre as relações entre literatura, memória, e a história no Brasil no século XX.

Zélia Gattai (1916-2008), filha de imigrantes italianos foi militante comunista, conviveu com Oswaldo de Andrade, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Rubem Braga, Zora Seljan, Aparecida e Paulo Mendes de Almeida, Leticia e Carlos Lacerda, Aldo Bonadei, Vinicius de Moraes e outros artistas brasileiros, foi casada duas vezes com (Aldo Veiga e com Jorge Amado, com quem viveu por cinquenta e seis anos), se exilou com o marido e travou contato Pablo Neruda, Nicolas Gillén, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Aragon, Paul Éluard, Frédéric Juliot Curie, Pablo Picasso e Ilya Eremburg, entre outros. Além de se dedicar a fotografia, tornou-se escritora (e memorialista, como ela mesma preferia denominar-se), sendo eleita em 2001 para a Academia Brasileira de Letras.

Zélia Gattai publica seu primeiro livro, Anarquistas graças a Deus, em 1979, com histórias de seus antepassados italianos, retratando a imigração e a chegada deles no Brasil, os espaços de sociabilidade de São Paulo nas primeiras décadas

do século XX, o posicionamento políticos de seus pais e avós, assim como os costumes desses grupos de imigrantes que criaram uma cultura trabalhadora ao mesmo tempo em que construíam uma metrópole ao lado de outros imigrantes europeus.

Ela publicou 16 obras no total, sendo um romance (Crônicas de uma namorada, de 1995) e três livros infantis (Pipistrela de mil cores, de 1989, O segredo da Rua 18, de 1991, e Jonas e a sereia, de 2000), os demais são livros de memórias. Foi eleita para a cadeira de número 23 da Academia de Letras, antes ocupada por Jorge Amado, no ano de 2001 (a data correta é 2001, dezembro, mas a posse ocorre em maio de 2002).

Em Um chapéu para a Viagem, publicado em 1982, narra outras experiências no período de (1948-1973) como a trajetória política de seu esposo quando era deputado federal na cidade de São Paulo, relatando também quando o PCB foi colocado na ilegalidade, bem como a cassação e o exílio de Jorge Amado.

Nesse livro Zélia retomou ainda as histórias de seus antepassados italianos e a prisão do senhor Ernesto Gattai durante o Estado Novo.

Na obra A Senhora Dona do Baile, de 1984, são apresentados relatos dos anos vividos pela autora de abril 1948 a julho de 1984, em que a narrativa se ocupa de um longo período através de capítulos curtos nos quais memórias pessoais sobre si e outros personagens montam um retrato de uma época.

O texto inicia-se com a viagem de Zélia Gattai para a Europa, após o fim da 2ª. Guerra Mundial, quando Jorge Amado teve seus direitos parlamentares cassados, foi expulso da Câmara Federal pela política do governo Dutra e se exilou.

Já Jardim de Inverno (1988) o foco central foram os anos de exílio com o esposo Jorge Amado quando foram morar no Castelo dos Escritores na Tchecoslováquia e posteriormente na França devido as perseguições políticas que o escritor estava sofrendo no Brasil por ser membro do PCB.

Nesta obra a narradora se debruça sobre algumas viagens que fizeram e eventos cotidianos no período de 1948 a 1952 como as festas em que acompanhava Jorge Amado, os esportes de inverno que praticavam na Europa, além de eventos políticos nos quais o escritor cumpria devido as tarefas do partido, (assembleias de operários, reuniões, congressos, além de festivais e movimentos) em que militava juntamente com amigos que fez ao longo de sua vida como Georg Luckács, Pablo Neruda, Pablo

Picasso, Nicolas Guillén, Anna Seghers entre outros artistas e intelectuais no contexto do início da guerra fria.

Finalmente em Cittá de Roma (2000) a escritora narra mais uma vez as historias dos seus antepassados, os Gattai oriundos de Toscana, e os Da Col, de Veneto, que vieram para o Brasil no navio batizado “Cittá de Roma” em busca de uma vida melhor em meados do ano de 1890.

Nesta obra ela retoma alguns temas e historias presentes em Anarquistas Graças a Deus (1979) como os princípios, costumes, os espaços de lazer e o cotidiano de seus avós, primos, tios e vizinhos, contemplando também algumas historias de sua filha Paloma quando ainda era uma criança.

Segundo Remédios (1997, p. 128) as memórias são intimamente relacionadas ao diário, mas elas constituíssem em outra forma do gênero autobiográfico, localizada entre a autobiografia e a crônica dando o testemunho de

um tempo e de um meio social, somados aos relatos de casos pessoais e familiares.

Para ela a narrativa memorialística tem um fundo histórico cultural submetido ao filtro subjetivo de quem escreve.

Todos os livros de Zélia Gattai são autobiográficos, e a partir de memórias pessoais, depoimentos diversos e pesquisa documental a autora constrói um testemunho da história brasileira recente em que se fazem presentes personagens notáveis e homens comuns, em uma construção tanto da memória individual quanto da memória coletiva.

A escrita de si permite redimensionar sua experiência e reelaborar as suas histórias e das pessoas com as quais conviveu ao longo de sua vida como seus pais, avós, irmãos, primos, vizinhos, além de seus amigos, o esposo Jorge Amado, artistas e intelectuais, enquanto resgata memórias do passado e revive as suas recordações de infância e da fase adulta.

Neste sentido Zélia revela a seus leitores de maneira subjetiva o espaço social, a rede de relações, costumes, hábitos, e peculiaridades da sociedade que fazia parte contemplando diferentes temporalidades como o tempo presente e o tempo passado. Mas, a reconstrução de uma trajetória individual (quer de outra ou própria) significa também a percepção de uma rede de relações a partir da ideia de individualidade, com diferentes temporalidades (o ontem e o hoje), vínculos e pertencimentos que dizem respeito tanto sobre quem se escreve, quem escreve e para quem escreve (SILVA, 2009, p.154).

Em outra perspectiva Gomes (2004, p.10) afirmava que na década de 90 é que começou a surgir inúmeras publicações de caráter autobiográfico e biográfico devido ao grande interesse dos leitores por diários e correspondências.

Gomes compreende as práticas de produção de si como um conjunto de ações ligadas a escrita do self, como é o caso dos diários, das autobiografias e até mesmo do que ela denomina de a “constituição de uma memória de si” que seria realizado por meio do recolhimento de objetos materiais como as fotografias, cartões postais ou mesmo objetos do cotidiano que fazem parte e que transformam o espaço privado da casa, do escritório, que ela chama de “teatro da memória”.

A historiadora relata ainda que foi a partir do século XX em âmbito internacional que começou a ser construídos uma grande quantidade de instituições de guarda de arquivos privados, onde os documentos autobiográficos estavam sempre presentes. Ela afirma que isso só ocorreu devido aos debates e reflexões sobre a natureza e os procedimentos de crítica documental a eles dirigidos.

Segundo Gomes tais mudanças é que fez com que o historiador percebesse a necessidade de incorporar novos objetos a prática historiográfica, para isso foi necessário construir novas metodologias e categorias de análise bem como o enfrentamento da questão subjetiva destes documentos. Sendo assim, a biografia como objeto de análise oferece muitas questões a serem respondidas: os limites da ideia de verdade e de representação, o papel social do mito, as relações entre público e privado, as ligações entre a narrativa e sua época, entre diversas outras (SILVA, 2009, p. 163).

Neste sentido Gomes defende que o que passa a importar ao historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como o seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p.15).

No que diz respeito a escrita de Zélia Gattai, a presença de Jorge Amado a partir do seu segundo livro mostra a importância do vínculo matrimonial com o marido e surge como uma homenagem a este enquanto documenta, universaliza e compartilha, como contadora de histórias, suas aventuras e intimidades com o leitor (AMARAL, 2010, p. 12).

Olmi compreende a escrita de si como um método de formação, pois a partir do momento que o indivíduo narra as suas histórias ele aprende a documentar a sua experiência no passado e do tempo presente, deixando um testemunho de si para os outros, escrevendo com mais motivação, pensando e refletindo com mais profundidade (OLMI, p.14).

Defende também que a autobiografia tem uma dimensão insofismavelmente política, contudo, a tradição literária ocidental foi sempre construída sem considerar que a voz do autobiógrafo é, muitas vezes a voz da oposição, da resistência, senão da busca do autoconhecimento ou da defesa de uma intelectualidade ameaçada (OLMI, 2006, p.20).

Neste sentido as obras de Zélia Gattai foram escritas não apenas para que ela compartilhasse as suas memórias e a memória de seus antepassados, mas como uma ação política a partir do momento em que expõe acontecimentos políticos como exílio, prisão e manifestações sociais, entre outras que ocorreram no contexto de tais memórias.

A escritora também afirma valores, ideologias e identidades através de suas lembranças, pois como bem apontou Sarlo, em relação as narrativas em primeira pessoa, “a história oral e testemunhal restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou

para reparar uma identidade machucada.” (SARLO, 2007, p.19). Além disso, segundo ela, a memória é um bem comum, um dever e uma necessidade jurídica, moral e política.

A narrativa de Zélia Gattai neste sentido concedeu voz, a sujeitos desconhecidos e também contemplou sujeitos consagrados que estavam militando neste momento histórico. Ela construiu a partir do seu presente, uma memória individual e coletiva, mas não sendo apenas uma narradora, foi também uma testemunha de seu tempo e de alguns acontecimentos que vivenciou.

Entendemos que na escrita auto referencial da escritora Zélia Gattai há indícios de construções de memórias. O intuito desta pesquisa é investigar como se constituiu tais memórias e perceber o espaço social, levando em conta o seu engajamento político durante toda a sua vida.

Os escritos de Zélia tem sido fonte de pesquisa pelos relatos com valor histórico, que envolvem tanto a fixação da colônia italiana no Brasil, enquanto momentos de repressão vividos no país e o seu exílio (AMARAL, 2010, p. 12).

Acreditamos que a presente pesquisa se justifica pelo fato de que a obra da escritora Zélia Gattai tem sido analisada apenas por um viés literário e arquivístico, sendo que são varias as teses de mestrado ou mesmo trabalhos de conclusão de curso que analisam os livros da escritora apenas nesse sentido.

A proposta é justamente contribuir para como uma abordagem histórica o que irá demandar novos entendimentos acerca dos temas que envolvem o memorialismo. Neste sentido entendemos que um estudo sobre as obras da Zélia Gattai contribuirá para o debate entre a história, a autobiografia e a memória tão pertinentes e necessários a historiografia atual.

Fontes:

- GATTAI, Zélia. *Anarquistas Graças a Deus*. Rio de Janeiro, Record, 1979.
- GATTAI, Zélia. *Um Chapéu para a viagem*. Rio de Janeiro, Record, 1982.
- GATTAI, Zélia. *A Senhora Dona do Baile*. Rio de Janeiro, Record, 1984.
- GATTAI, Zélia. *Jardim de Inverno*. 3ª edição. Rio Janeiro: Record, 1988.
- GATTAI, Zélia. *Cittá de Roma*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Bibliografia:

AMARAL, Glaucy Cristina. *A narração memorialística em A casa do Rio Vermelho, de Zélia Gattai: Uma meta memória*. São Paulo, PUC, 2010. Tese de Mestrado em Letras, 2010.

FENTRESS, JAMES; WICKHAM, CHRIS. *Memória Social Novas Perspectivas sobre o passado*. Lisboa, 1992.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

OLMI, Alba. *Memória e Memórias Dimensões e Perspectivas da literatura Memorialista*. Rio Grande do Sul:Edunisc, 2006.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. "*Literatura Confessional: espaço autobiográfico*" In: *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1997.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado Cultura e Guinada Subjetiva*. Trad Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo. Editora: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, da , Wilton Carlos Lima. *Fronteiras*, Dourados MS, V. 11, nº 20, p. 151-166 jul./dez. 2009.



International Congress of History
Congreso Internacional de Historia

**VI CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE HISTORIA**

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.234